

Sobre Dialética

extratos diversos e comentários

por Celso Candido

HEGEL (do livro Hegel de Jacques d'Hondt)

O devir

"A Unidade, de que são momentos inseparáveis o ser e o nada, difere em si mesma destes momentos, e representa, em relação a eles, um terceiro momento que é, na sua forma mais particular, o devir." (p.89)

"(...) chamamos dialéctica ao movimento racional superior graças ao qual estes termos aparentemente separados passam de uns para outros espontaneamente, em virtude do que são, encontrando-se assim eliminada a hipótese da sua separação. É em virtude da natureza dialéctica que Ihe é imanente que o ser e o nada manifestam a sua unidade e a sua verdade no devir." (p.90) (Ciência da Lógica)

A contradição

"...Um dos principais preceitos da Lógica, tal como ela até aqui foi compreendida, e da representação, consiste em ver na contradição uma determinação menos essencial e imanente do que a identidade..."

"(...) a contradição [é] a determinação mais profunda e mais essencial. A identidade, comparativamente a ela, é a determinação do simples imediato, do Ser morto; mas, a contradição é a raiz de todo o movimento e de toda a determinação vital; é só na medida em que encerra uma contradição que uma coisa é capaz de movimento, de actividade, de manifestar tendências ou impulsos."

"Mas é um facto da experiência corrente que existe uma multidão de coisas contraditórias, de instituições contraditórias, etc., para as quais a contradição não é só fonte de existência, pois a contradição reside nas próprias coisas e instituições. A contradição também não deve ser considerada uma simples anomalia observável de vez em quando, é o negativo segundo a sua determinação

essencial, é o princípio de todo o movimento espontâneo, que nada mais é do que a manifestação da contradição." (p.91)

"Uma coisa não é viva senão na medida em que encerra uma contradição e possui a força de a conter e sustentar." (p.92) (C.Lógica)

Progressão quantitativa e salto qualitativo

"Mas já se demonstrou que as variações do ser em geral correspondem não só à passagem de uma grandeza a outra, mas também ao ser do qualitativo e do quantitativo e, inversamente, a um devir que é ruptura da progressividade e à formação de algo que é qualitativamente diferente em relação à coisa que o precede." (p.92) (C.L)

A superação

"Uma coisa só é superada quando se actua de modo a que tal coisa forme com o seu contrário uma unidade; nesta determinação mais aproximada, podemos dar-lhe o nome de momento." (p.95) (C.L.)

Filosofia

"(...) a essência da Filosofia consiste precisamente em resolver as contradições do entendimento." (p.96) (Lições sobre a história da filosofia, Introdução)

JACQUES D'HONDT - (Hegel)

III - A dialéctica

"No mundo do espírito, na actividade e nas obras do homem, tudo é novo sempre, e esta inconstância desespera o entendimento, apreciador da estabilidade." (p.38)

"Durante os períodos de crise, a História apressa a cadência das suas reviravoltas... Então rebetam as agitações, as guerras, as revoluções e é impossível conservar a ilusão de que tudo, no fundo, permanece imutável: os homens de entendimento, os espíritos "lógicos" não se reconhecem e, na sua confusão, injuriam todas estas aparentes absurdidades e estigmatizam a irracionalidade dos actos humanos." (p.39)

É preciso que a lógica tradicional deixe "de desacreditar o devir. (...) A vida põe tudo em desordem. (...) O que o filósofo [Hegel] tem a pretensão de estabelecer é a eterna pulsação das contradições, o devir que elas irrigam com sangue fresco, a verdade e a vida..." (p.39)

"Para atingir a própria coisa, para seguir o movimento íntimo do conceito, para ver a realidade, a lógica tradicional não é suficiente." (p.39)

"A dialética é o esforço intelectual para coincidir com o princípio da vida e para o acompanhar na infinita diversidade das suas especificações. Mas, precisamente no interior da dialética, a tensão criadora serve-se do dogmatismo que a contraria e domina-o: "O entendimento determina e preserva nas determinações; a razão é negativa e dialética, porque dissolve, ao negá-las, as determinações do entendimento, é positiva porque produz o universal e nele compreende o particular". (p.40)

"A dialética, para ele [Hegel], é, antes de mais, o princípio de desenvolvimento de toda a realidade, o que nela existe de radicalmente vivo, independentemente das formas concretas assinaláveis, mas que habita igualmente estas formas concretas, logo que elas se constituem." (p.41)

"Por isso a dialética, lei positiva do desenvolvimento das coisas, transpõe-se em lei normativa do espírito que, desorientado, deseja harmonizar este desenvolvimento das coisas. A dialética torna-se método."

"Este método implica, antes de mais, um tormento do espírito. O dialético orienta-se de maneira diferente: vigia as modificações, as alterações, as deslocações significativas; reflecte sobre o destino do objecto: que vai ele ser? Que nascimento anuncia o seu desaparecimento?"

"Os conceitos "fixos" parecem-lhe, portanto, indigentes. Ele prefere os conceitos que acompanham o movimento do objecto, aptos, como ele, a converter-se no seu contrário, prontos a esquivar-se aos constrangimentos abusivos do princípio de identidade."

"Ao controlar este deslizar do pensamento, a dialética contesta o princípio de identidade, ou, pelo menos, a sua autoridade absoluta. Não exige este princípio que um objecto finito não seja senão o que é?" (p.42)

"Se tolerássemos que este princípio desenvolvesse inconsideradamente a sua validade, ela pararia todo o devir e sufocaria o pensamento da mudança. O princípio de identidade, flanqueado pelos seus corolários, impede-nos de procurar em cada ser o nada que o assedia, o seu outro, o seu contrário. Ora, uma roda que estivesse necessariamente ou num ponto ou noutra, nunca passaria de um para o outro. E que dizer então das alterações complexas! Se o fruto deve estar sempre ou verde ou maduro, em vão esperamos a sua maturação." (g.m) (p.42-3)

"Não há vida, se cada coisa não for simultaneamente, e a princípio secretamente, o outro de si própria. O aumento quantitativo - que já comporta, no entanto, uma componente qualitativa - não é suficiente para explicar as evoluções efetivas. É preciso juntar mutações qualitativas, pelas quais a dialética se interessa especialmente, pois elas introduzem a diversidade nas coisas e a novidade nos acontecimentos." (p.43)

"Poder-se-ia então considerar a dialética hegeliana como uma lógica da alteração, que não equivale completamente a uma lógica da contradição, mas a anexa: um dos seus procedimentos heurísticos mais importantes consiste em "procurar a contradição" sempre e em toda a parte." (g.m)(p.43)

"Ao reabilitar a contradição, Hegel inaugurou uma corrente de pensamento para a qual, seja sob que forma for, "a contradição é a raiz de todo o movimento e de toda a manifestação vital". (p.44)

"Pôr a nu as contradições é trabalho do entendimento, segundo Hegel. Mas o entendimento pode prender-se a um dos contraditórios. É preciso impedi-lo de o fazer, exercitá-lo na dança dos contrários. A contradição só desencadeia a farândola quando os opostos dão as mãos.

"É mais correto dizer que a dialética é uma lógica da unidade dos contrários." (p.44)

"Os conflitos proveitosos, aqueles que trazem o inédito, comportam, em proporção variável, uma absorção mútua e uma substituição dos antagonistas, uma inversão dos contrários e a sua superação..." (p.44)

"A transformação das estruturas, resultante de uma permuta entre relações e situações, condiciona uma gênese criadora que por sua vez suprime os elementos contraditórios de que se alimenta, mantendo e prolongando em si os efeitos, e eleva todo este conteúdo movido a uma maior complexidade, e, eventualmente, a uma consciência mais alta." (p.45)

"Não é menos verdade que Hegel atribui essencialmente à superação um mero valor explicativo retroactivo. Permite compreender melhor como se deram os

acontecimentos já ocorridos. Sabe-se que Marx articulará a crítica a Hegel a partir deste ponto. Questionando todo o sentido da dialética, ele proclamará: "Os filósofos nada mais fizeram do que interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo."

"No limite da abstração, os momentos da dialética contraem-se na tríade, de tão má reputação, na qual Hegel resumiria todo o seu método, conforme muitas vezes se quis fazer acreditar. Seja uma tese, que suscita a sua antítese: da confrontação da tese e da antítese resulta a síntese.

"Outro breviário: A afirmação suscita sua negação, e a negação desta negação restitui a afirmação primeira, enriquecida com o conteúdo da negação." (p.46)

"Hegel não utiliza a tríade como critério de verdade, mas como modelo de estrutura dinâmica e como forma de exposição." (p.46)

MARCUSE (Razão e Revolução)

Capítulo V - A Ciência da Lógica

"Com respeito a esta relação é que se alega frequentemente que a lógica de Hegel é nova. A novidade consiste, ao que se diz, no uso das categorias para expressar a dinâmica da realidade. Na verdade, porém, esta concepção dinâmica não é uma inovação hegeliana; ela aparece na filosofia de Aristóteles, onde todas as formas do ser são interpretadas como formas e espécies de movimento. Aristóteles busca uma formulação exata, em termos dinâmicos. Hegel simplesmente reinterpreta as categorias básicas da Metafísica, não tendo inventado outras." (p.121)

"Os primeiros escritos de Hegel já haviam mostrado que seu ataque à separação tradicional entre pensamento e realidade implicava muito mais do que uma crítica epistemológica. Hegel acha que tal dualismo equivale à submissão ao mundo como ele é, e à ordem existente da realidade à harmonia com a verdade.

A separação entre pensamento e ser implicava em que o pensamento se retraísse diante das invenções do "senso comum".

"E a tarefa de anular o controle do senso comum pertence à lógica dialética. Hegel afirma repetidamente que a dialética tem este caráter "negativo". O negativo "constitui a qualidade da Razão dialética", e o primeiro passo "em direção ao verdadeiro conceito de Razão" é um "passo negativo"; a negatividade "constitui o procedimento dialético genuíno". Em todos estes exemplos, o "negativo" abriga dupla referência: indica, em primeiro lugar, a negação das categorias fixas e estáticas do senso comum; em segundo lugar, o caráter negativo e, portanto, falso do mundo designado por estas categorias." (p.123)

"A existência das coisas é pois, basicamente, negativa... (...) A negação que cada coisa contém, determina seu próprio ser. A parte material da realidade de uma coisa é constituída pelo que a coisa não é, pelo que ela exclui e repele como seu oposto."

"A contradição, isto é, a forma concreta do que estamos discutindo, a oposição, não anula a identidade efetiva da coisa, mas produz esta identidade sob a forma de um processo no qual se desdobram as potencialidades das coisas. (...) A é igual a A unicamente enquanto oposto a não-A, ou, a identidade de A resulta da contradição e a contém. Hegel sustenta que A está em contradição, não com um não-A exterior, e sim com um não-A que pertence à identidade mesma de A; em outras palavras. A é em-si contraditório." (p.123)

"Em virtude da negatividade, que faz parte da natureza de cada coisa, cada uma delas está ligada ao seu oposto. Para ser o que realmente é, cada coisa deve vir a ser o que ela não é. (...) Cada coisa deve, ainda, transgredir os limites de sua própria particularidade, pondo-se em relação universal com outras coisas. O ser humano, por exemplo, encontra sua identidade própria somente naquelas relações que são, afinal, a negação de sua particularidade isolada - na sua qualidade de membro de um grupo ou de uma classe social, cujas instituições, organização e valores determinam sua própria individualidade. A verdade do indivíduo transcende sua particularidade e encontra uma totalidade de relações conflitantes nas quais a individualidade se perfaz. Somos, assim, levados, uma vez mais, ao universal, como à verdadeira forma da realidade."

"O conceito é a idéia que expressa a essência das coisas. (...) "Quando pretendemos falar sobre coisas, dizemos que sua Natureza ou essência é o Conceito", mas, ao mesmo tempo, sustentamos que o conceito "só existe no pensamento"." (p.124)

"O conteúdo universal está preservado no conceito. Se o universal é uma realidade, e não apenas uma abstração, o conceito designa esta realidade. (...) Através da negação de cada forma histórica de existência que se tornou um obstáculo às potencialidades do homem, este acabará atingindo, por si, a

autoconsciência da liberdade. O conceito dialético do homem compreende e inclui este processo material." (p.125)

"Esboçamos o aspecto negativo da dialética. Seu aspecto positivo consiste em dar forma ao universal pela negação do particular; consiste em construir o conceito."

"O processo do pensamento começa com o esforço para apreender a estrutura objetiva do ser. No correr da análise, esta estrutura se dissolve numa multiplicidade de "algos" interdependentes, qualidades e quantidades. Em análise posterior, o pensamento descobre que estas constituem uma totalidade de relações antagônicas, governadas pelo poder criador da contradição. Estas relações aparecem como a essência do ser. A essência, por conseguinte, emerge como processo que nega toda forma estável e delimitado do ser, bem como os conceitos da lógica tradicional que expressam aquelas formas. As categorias empregadas por Hegel para revelar esta essência compreendem a estrutura genuína do ser como uma unificação de opostos que exige que a realidade seja interpretada em termos de "sujeito". Assim, a lógica da objetividade se transforma em lógica da subjetividade, que é o verdadeiro "conceito da realidade." (p.126-7)

"O universal primeiro e indeterminado que Hegel propõe, é o ser. Ele é comum a todas as coisas (pois tudo é ser) e, portanto, é a entidade mais universal do mundo." (p.127)

"Não podemos definir ser como alguma coisa, pois que ser é o predicado de todas as coisas. Em outras palavras, cada coisa é, mas ser não é uma coisa. E o que não é uma coisa, é nada. Assim, ser é "pura indeterminação e vacuidade"; não é uma coisa, portanto é nada."

"Com a tentativa de apreender o ser encontramos o nada. Hegel usa este fato como um instrumento para demonstrar o caráter negativo da realidade. (...) Segundo Hegel, não há uma única coisa no mundo que não abrigue em si a co-pertinência do ser e do nada. Cada coisa só é, na medida em que, a todo momento do seu ser, algo que ainda não é vem a ser, e algo, que agora é, passa a não ser." (p.128)

"Na verdade, ela [a lógica] considera falsa as regras, formas e todas as categorias da lógica tradicional, porque estas omitem a natureza contraditória e negativa da realidade." (...) As categorias dialéticas constroem um mundo às avessas, começando com a identidade entre ser e nada, para chegar ao conceito, considerado como a realidade autêntica. (...) A lógica formal aceita a forma-do-mundo como ela é, e dita algumas regras gerais para a orientação teórica dentro dela. A lógica dialética, ao contrário, rejeita qualquer pretensão de sacralidade do que está dado, e não tem condescendência para com aqueles que vivem sob sua égide."

"Hegel diz que a negatividade do ser é "a base e o elemento" de todas estas decorrências." (p.129)

"Por exemplo, a mesa aqui deste quarto não é, se analisada do ponto-de-vista da qualidade, uma mesa, mas uma certa cor, uma certa matéria, tamanho, instrumento, etc. Hegel diz que, com respeito às suas qualidades, a mesa não é um ser-por-si, mas um "ser-por-outro" (Sein-für-Anderes). Contra este ser-outro se afirma o que a coisa é em si (seu ser uma mesa), ou, como Hegel diz, o "ser-em-si" (Ansichsein) da coisa. Estes são os dois elementos conceituais com que Hegel constrói cada ente. É preciso notar-se que, para Hegel, estes dois elementos não podem ser separados um do outro. Uma coisa é em si apenas o que é nas suas relações com outras, e, inversamente, suas relações com outras determinam sua própria existência." (p.130-1)

"O ser determinado é mais do que o fluxo de qualidades mutáveis. Algo se preserva através deste fluxo, algo que se transforma em outras coisas, mas que também se mantém contra elas, como um ser que é por si. Este algo só pode existir como produto de um processo através do qual integra seu ser-outro a seu próprio ser. Hegel diz que sua existência se processa pela "negação da negação". A primeira negação é o outro em que ele se transforma, e a segunda é a incorporação deste outro a si mesmo."

"Hegel atribui à coisa um auto-relacionamento permanente. "Algo é em si na medida em que, deixando de Ser-por-Outro, volta a si". (p.131)

"Hegel prossegue assinalando que a unidade da coisa consigo mesma, que é a base dos seus estados determinados, é, na verdade, algo de negativo, porque resulta da "negação da negação"."

"A Negatividade aparece como a diferença entre ser-por-outro e ser-por-si, dentro da unidade da coisa. A coisa como é "em-si" é diferente da coisa nas condições em que de fato existe. As condições efetivas da coisa "opõem-se" ou atrapalham a elaboração da natureza que lhe é própria. Hegel caracteriza esta oposição como sendo aquela entre a determinação (Bestimmung), que tem agora o sentido de "natureza própria" da coisa, e o modo-de-ser (Beschaffenheit) que se refere ao estado ou condição efetiva da coisa. A determinação de uma coisa compreende suas potencialidades inerentes "contrapostas às condições externas que ainda não foram incorporadas à coisa mesma"."

"Quando, por exemplo, falamos da determinação do homem, e dizemos que esta determinação é razão, damos com isto a entender que as condições exteriores em que vive o homem não concordam com o que o homem propriamente é, que seu estado de existência não está de acordo com a razão, e que a missão do homem é promover este acordo. Até que esta missão tenha sido cumprida com sucesso, o homem existe como um ser-por-outro mais do que como um ser-por-si. Seu modo-de-ser contradiz sua determinação. A presença da contradição torna o

homem inquieto; ele luta para superar seu estado exterior dado. Assim, a contradição tem a força de um "Dever" (Sollen) que o impele a realizar aquilo que ainda não existe." (p.132-3)

"Também o conceito de negação sofre uma revisão na exposição de Hegel sobre este ponto. Vimos que os diversos estados de uma coisa foram interpretados como "negações" diversas de seu verdadeiro ser. Agora, já que a coisa é concebida como uma espécie de sujeito que se autodetermina através de suas relações a outras coisas, suas qualidades dadas, ou modos-de-ser, são barreiras ou limites (Grenzen) através dos quais suas potencialidades devem penetrar. O processo da existência é simplesmente a contradição entre modos-de-ser e potencialidades; (g.m) por isso, o mesmo é existir e ser limitado. "Algo só tem Ser Determinado no Limite". E "os limites são o princípio do que eles limitam". (p.133)

"Hegel resume o resultado desta nova interpretação, dizendo que a existência das coisas é "a inquietação de Algo no seu Limite; é imanente ao Limite ser a contradição que incita Algo a se ultrapassar". Deste modo atingimos o conceito hegeliano de finitude. Ser é, continuamente, vir-a-ser. (g.m) Todo estado da existência deve ser superado; é algo de negativo que as coisas, levadas por suas potencialidades internas, abandonam por outro estado, que, uma vez mais há de se revelar como um estado negativo, como um limite." (p.133)

"As coisas finitas são: mas as relações que têm consigo mesmas são negativas, e neste auto-relacionamento são jogadas para fora de si, para fora do seu Ser."

"A idéia hegeliana de negatividade não era moral ou religiosa, mas puramente filosófica, e o conceito de finitude que a expressava tornou-se com Hegel um princípio crítico e quase materialístico."

"Mais tarde, Marx afirmava a lei histórica pela qual uma sistema social só pode liberar suas forças produtivas se perecer, transformando-se em outra forma de organização social." (p.134)

"(...) o processo pelo qual uma coisa finita perece e, perecendo, se transforma em outra coisa finita que repetirá o mesmo processo, é um processo ad infinitum, e não apenas no sentido superficial de que a progressão não pode ser quebrada. Quando uma coisa finita "perece, transformando-se em" outra coisa, ela se automodificou na medida em que o perecer é sua maneira própria de consumir suas verdadeiras potencialidades. O incessante perecer das coisas é, pois, uma negação igualmente contínua da finitude delas. É uma infinidade. "O finito, perecendo, ganha a si mesmo nesta negação do seu Ser-em-si (Ansichsein)... Assim, ele só se ultrapassa para, novamente, se reencontrar. Esta auto-identificação, ou a negação da negação, é um Ser afirmativo, é outro que o Finito... é o Infinito". (p.135)

"Em um adendo a sua exposição, Hegel mostra que o conceito de finitude produz o princípio básico do idealismo. Se o Ser das coisas consiste nas suas transformações, mais do que no estado em que elas, as coisas, existem, os múltiplos estados que elas apresentam, quaisquer que sejam a forma e o conteúdo que eles possam ter, são apenas momentos de um processo compreensivo, e só existem dentro da totalidade deste processo. Assim, as coisas são de uma natureza "ideal", e sua interpretação filosófica deve ser o idealismo. "A proposição que afirma que o finito é de natureza ideal, é Idealismo. Na filosofia o idealismo consiste em nada menos que o reconhecimento de que o finito não tem ser verdadeiro. Essencialmente, toda filosofia é um idealismo, ou, pelo menos, tem o idealismo por princípio..." (p.135)

"Sua posição idealística implica em que as formas correntes do pensamento, justamente por se contentarem com a forma dada das coisas, devem ser transformadas em outras formas, até que seja alcançada a verdade." (p.136)

"O novo não pode ser uma simples correção ou revisão do velho, mas tem que ser a negação efetiva do velho." (p.138)

"O que quer que a unidade estável do ser "por-si" possa ser, sabemos que não é uma entidade qualitativa ou quantitativa que existe em algum lugar, mas que é, antes, a negação de qualquer coisa determinada. Seu caráter essencial é, pois, a negatividade; Hegel chama àquela unidade "contradição universal", existindo como tal "pela negação de toda determinabilidade existente". (p.138)

"Hegel chama essência das coisas a esta unidade negativa e ao processo negativo de auto-relacionamento."

"A essência "não tem Ser determinado". Todas as proposições tradicionais sobre um reino de idéias ou substâncias, devem ser postas de lado. A essência nem é algo no mundo, nem acima do mundo, mas a negação de todo ser."

"Esta negação de todo ser não é o nada, e sim o "movimento infinito do Ser" para além de todo estado determinado."

"O movimento não é um processo contingente e exterior, mas um processo integrado pelo poder de auto-relacionamento pelo qual um sujeito compõe seus momentos determinados como momentos de sua própria auto-realização." (p.141)

"(...) algo existe de permanente nas coisas, e isto que é permanente é, em primeira instância, sua Essência". O conhecimento de que a aparência e a essência não concordam é o começo da verdade. A marca do pensamento dialético é a habilidade em distinguir, do processo aparente, o processo essencial da realidade e em apresentar sua mútua relação. As leis da reflexão, elaboradas

por Hegel, são as leis fundamentais da dialética. Vamos, brevemente, resumí-las."

"A essência denota a unidade do ser, sua identidade através da mudança. O que é, precisamente, esta unidade ou identidade? Não é um substrato permanente e fixo, mas um processo, dentro do qual todas as coisas enfrentam suas contradições inerentes e se revelam como resultado. Concebida desta maneira, a identidade contém seu oposto, sua diferença, e envolve uma autodiferenciação, e uma decorrente unificação. Cada ente se precipita na negatividade e permanece sendo o que é unicamente pela negação desta negatividade. Ele se fragmenta em uma multiplicidade de estados e de relações a outras coisas, estados e relações que, de início lhe eram exteriores, mas que se tornam parte de seu próprio ser quando trazidos à ativa influência da sua essência. A identidade é, pois, o mesmo que a "totalidade negativa" que se revelara estrutura da realidade; ela é "o mesmo que a Essência". (p.142)

"Assim concebida, a essência descreve o processo efetivo da realidade. "A contemplação de tudo que é mostra, em si, que tudo que é, na sua auto-identidade é diferente de si e se contradiz, e na sua diversidade, na sua contradição, consigo se identifica e é, em si, este movimento de transição de uma à outra destas determinações; e isto porque tudo que é, é, em si, seu próprio oposto". (p.142)

"Não podemos expressar esta identidade das coisas em uma proposição que distinga um substrato permanente e seus atributos, de seu oposto ou contrário. A diferença e os opostos são, para Hegel, parte da identidade essencial das coisas; e, para apreender a identidade o pensamento tem, pois, de reconstruir o processo pelo qual a coisa se torna seu próprio oposto, e assim, nega e incorpora o seu oposto ao seu próprio ser." (p.143)

"Hegel, muitas e muitas vezes, volta a acentuar a importância desta concepção. Em virtude da negatividade a elas inerente, todas as coisas se tornam autocontraditórias, opostas a si mesmas, e seu ser consiste naquela "força que ao mesmo tempo pode compreender e sustentar a Contradição". "Todas as coisas são autocontraditórias em si" - esta proposição, que tão vivamente difere dos princípios tradicionais de identidade e contradição, expressa, para Hegel, "a verdade e a essência das coisas." "A contradição é a raiz de todo o movimento e de toda a vida; toda a realidade é autocontraditória. Especialmente o movimento, tanto o externo como o movimento próprio, nada mais é do que a "contradição viva". (p.143)

"Até agora, observamos que a dialética concluíra que a realidade tem caráter contraditório e é uma "totalidade negativa". À medida em que progredimos na lógica de Hegel, a dialética surgiu como um princípio ontológico universal que afirma que toda existência segue seu curso transformando-se no oposto de si e produzindo a identidade de seu ser pela superação da oposição. (...) Se a

essência das coisas é o resultado de tal processo, a própria essência é produto de um desenvolvimento concreto, é "algo que veio-a-ser (ein Gewordenes)". (p.143)

"Mas, seja como for, quando aplicamos as Determinações da Reflexão às realidades históricas, somos impelidos, quase que necessariamente, à teoria crítica que o materialismo histórico desenvolveu. Porque, que significa a unidade da identidade e da contradição no contexto das formas e forças sociais? Em termos ontológicos, significa que o estado de negatividade não é uma deformação da verdadeira essência de uma coisa, mas a própria essência dela. Em termos sócio-históricos, significa que, à maneira de uma regra, crise e malogro não são acidentes e distúrbios externos, mas manifestações da natureza verdadeira das coisas, e por isso fornecem a base sobre a qual a essência do sistema social existente pode ser compreendida. Mais ainda, a unidade da identidade e da contradição significa que as potencialidades inerentes aos homens, e às coisas, não se podem expandir na sociedade a não ser pela morte da ordem social da qual, de início, resultaram. Quando alguma coisa se transforma no seu oposto, quando se contradiz a si mesma - na linguagem de Hegel - expressa sua essência. Quando, na linguagem de Marx, a idéia e a prática correntes da justiça e da igualdade levam à injustiça e à desigualdade, quando a livre troca de valores equivalentes produz, de um lado exploração, do outro acumulação de riqueza, tais contradições também fazem parte da essência das relações sociais correntes. A contradição é o motor efetivo do processo." (p.144)

"A essência, "a verdade do Ser", é conservada pelo pensamento que, por sua vez, é contradição. (p.145)

"O real revela-se contraditório, revela-se dilacerado entre o ser e o dever. O real contém, como sua verdadeira natureza, a negação do que ele imediatamente é, e assim, "contém... a Possibilidade". (p.146)

"As circunstâncias que existem sob a forma antiga não são, pois, concebidas como verdadeiras e independentes em si mas como simples condições de outro estado de coisas que implica a negação do anterior." (p.147)

"A interpretação dialética da atualidade destrói a oposição tradicional entre contingência, possibilidade e necessidade, integrando estes momento num processo compreensivo." (p.148)

"Não há exemplo mais adequado de formação de um conceito dialético do que o conceito de capitalismo de Marx. Assim como Hegel declara, segundo a doutrina de que o conceito é uma totalidade antagônica, ser "impossível e absurdo enquadrar a verdade em formas tais como juízos positivos ou juízos em geral", Marx também renega qualquer definição que fixe a verdade em um corpo definitivo de proposições. O conceito de capitalismo é nada menos que a totalidade do processo capitalístico, compreendido do ponto de vista do "princípio" pelo qual ele progride. O conceito de capitalismo começa com a

separação entre os produtores reais e os meios de produção, do que resulta a instituição do trabalho livre e a apropriação da mais-valia, que, com o desenvolvimento da tecnologia, gera a acumulação e a centralização do capital, o declínio progressivo da taxa de lucro, e o colapso do sistema. O conceito do capitalismo é nada menos que os três volumes do Capital, do mesmo modo que o conceito hegeliano do Conceito compreende todos os três livros da sua Ciência da Lógica.

"Além disso, o conceito constitui a "totalidade negativa" que só evolui em virtude das suas forças contraditórias. Os aspectos negativos da realidade não são pois "distúrbios" ou pontos fracos dentro de um todo harmonioso, mas as condições mesmas que revelam a estrutura e as tendências da realidade." (p.152/3)

"Mas, como já dissemos, Hegel tende a dissolver o elemento de prática histórica, substituindo-o pela realidade independente do pensamento." (p.155)

O método dialético é um "processo objetivo do ser, ser que só pelos diferentes modos da "negação da negação" se pode preservar." (p.158)

"A idéia absoluta (...) é pensamento dialético e contém, por isso, sua própria negação; não é uma forma harmoniosa e estável, mas um processo de unificação de opostos. Ela só se completa em outro." (p.158)

"Acentuamos que a lógica dialética associa a forma e o conteúdo do pensamento. O conceito é, ao mesmo tempo, uma forma lógica e uma realidade existente; é um sujeito pensante." (p.159)

WILHELM REICH (Materialismo Dialético e Psicanálise)

"Os princípios essenciais do materialismo dialético são os seguintes:

"1. A dialética não é apenas uma forma do pensamento; existe na matéria independentemente do pensamento; por outras palavras, o movimento da matéria é objectivamente dialético. O dialético materialista não coloca na matéria aquilo que só existe no seu cérebro; mas, com a ajuda dos seus sentidos e do seu pensamento - também este submetido às leis da dialética - ele abarca diretamente o devir material da realidade objectiva. (p.68)

"2. O desenvolvimento, não só da sociedade, mas também de todos os outros fenómenos, incluindo os fenómenos naturais, não resulta, como o afirmam todos os metafísicos, idealistas ou materialistas, de um "princípio do desenvolvimento" ou de uma "tendência para o desenvolvimento inerente a todas as coisas"; este desenvolvimento resulta de uma contradição interna, de contradições contidas na matéria, de um conflito entre estas contradições; conflito que não pode ser resolvido no actual modo de existência da matéria, de forma que as contradições o destroem para criar outro, no qual novas contradições surgem e assim por diante. (p.68-9)

"3. Objectivamente, aquilo que engendra o desenvolvimento dialéctico não é bom nem mau, mas sim necessário. No entanto, aquilo que começou por favorecer o desenvolvimento pode acabar por paralisá-lo. Assim, o modo de produção capitalista que deu inicialmente um forte impulso ao desenvolvimento das forças produtivas técnicas, pode mais tarde tornar-se, pelo jogo das contradições imanentes, um entrave a este desenvolvimento. O modo de produção socialista liberta este entrave. (p.69)

"4. O desenvolvimento dialéctico, resultante de contradições, faz com que nada seja durável; tudo o que nasce traz em si o germe da sua desapareição. Como Marx mostrou, uma classe que pretende consolidar o seu domínio não pode aceitar a concepção dialéctica sob pena de se condenar ela própria a morte. No processo do seu desenvolvimento, a burguesia capitalista deu origem a uma classe, o proletariado, cujas condições de existência implicam o desaparecimento do capitalismo. É por isso que só a classe proletária pode reconhecer praticamente e integralmente a dialéctica, ao passo que a burguesia deve necessariamente afogar-se no idealismo absoluto. (p.70)

"5. Todo desenvolvimento é a expressão e a consequência de uma dupla negação: negação da negação. Busquemos uma vez mais um exemplo na evolução social. A produção de mercadorias foi a negação do comunismo primitivo no qual só eram produzidos valores de uso. A ordem económica socialista é a negação da primeira negação; nega a produção de mercadorias e conduz, como uma espiral, a uma etapa superior, à afirmação daquilo que primeiro foi negado, à produção de valores de uso, ao comunismo. (p.70-1)

"6. As contradições não são absolutas mas interpenetram-se mutuamente. A determinada altura a quantidade transforma-se em qualidade. Toda a causa de um determinado efeito é ao mesmo tempo efeito deste último que age como causa. Não existe apenas acção recíproca de fenómenos nitidamente separados, mas interpenetração destes fenómenos, acção e reacção de um sobre o outro. Além disso, em determinadas condições, um elemento pode transformar-se no seu contrário. (p.72)

7. O desenvolvimento dialéctico é progressivo, mas em certos momentos progride por saltos. A água progressivamente arrefecida não se transforma lentamente em

gelo. No entanto, isto não quer dizer que esta alteração tenha surgido bruscamente do nada; com efeito, ela foi-se desenvolvendo pouco a pouco, dialecticamente, até ao salto. E eis como a dialéctica resolve assim, sem a suprimir, a contradição evolução-revolução. A transformação da ordem social é, em primeiro lugar, preparada pela evolução (socialização do trabalho, pauperização da maioria, etc.) e depois realizada pela revolução." (p.73-4)

MARX (A Miséria da Filosofia) - crítica a Proudhon

II PARTE

Sobre o método

Os economistas exprimem "as relações de produção... como categorias fixas, imutáveis, eternas", Proudhon procura "explicar o ato de formação, a geração destas categorias".

Ora, as categorias "são apenas a expressão teórica" do modo de produção, e desde que, como Proudhon, se quer ver nestas categorias movimentos independentes da realidade, "se é forçado a considerar o movimento da razão pura como a origem desses pensamentos".

O que é a razão pura? Uma "razão impessoal" que se volta sobre ela mesma "pondo-se, opondo-se e compondo-se - posição, oposição, composição. Para falar grego, temos a tese, a antítese e a síntese. Quanto aos que desconhecem a linguagem hegeliana, dir-lhe-emos a fórmula sacramental: afirmação, negação e negação da negação." Uma maneira de pensar "inteiramente pura", sem o indivíduo.

"Tudo o que existe, tudo o que vive sobre a terra e sob a água, existe e vive graças a um movimento qualquer. Assim, o movimento da história produz relações sociais, o movimento industrial... produtos industriais, etc."

Se abstraímos "todo carácter distintivo dos movimentos" chegamos "ao movimento em estado abstrato", puramente formal, "à fórmula puramente lógica do movimento". Se a substância das coisas está na categoria lógica, "imagina-se encontrar na fórmula lógica do movimento o método absoluto, que tanto explica todas as coisas como implica, ainda, o movimento delas".

É assim, com efeito, que Hegel fala:

"O método é a força absoluta, única, suprema, infinita, a que nenhum objeto poderia resistir; é a tendência da razão a reencontrar-se e reconhecer-se em todas as coisas."

Se tudo então é reduzido ao método, "a consequência natural é a redução de qualquer conjunto de produtos e de produção... a uma metafísica aplicada". Foi o que Proudhon tentou fazer "em relação à economia política".

"O método absoluto"... é "abstração do movimento", que é, por sua, "movimento em estado abstrato". O movimento em estado abstrato é "a fórmula puramente lógica do movimento ou o movimento da razão pura". Esta por sua vez consiste "em se pôr, se opor, se compor, formular-se como tese, antítese, síntese ou, ainda, afirmar-se, negar-se, negar sua negação".

É a própria razão ("e seus apologetas") que opera a afirmação da razão e sua colocação "como categoria determinada".

"Mas uma vez que a razão conseguiu pôr-se como tese, esta tese, este pensamento, oposto a si mesmo, desdobra-se em dois pensamentos contraditórios..., o sim e o não. A luta entre estes dois elementos antagônicos, compreendidos na antítese, constitui o movimento dialético. O sim tornando-se não, o não tornando-se sim, o sim tornando-se simultaneamente sim e não, o não tornando-se simultaneamente não e sim, os contrários se equilibram, neutralizam, paralisam. A fusão destes dois elementos contraditórios constitui um pensamento novo, que é a sua síntese. Este novo pensamento se desdobra ainda em dois pensamentos contraditórios que, por seu turno, se fundem em uma nova síntese. Deste trabalho de processo de criação nasce um grupo de pensamentos. Este grupo de pensamentos segue o mesmo movimento dialético de uma categoria simples..."

"Assim como do movimento dialético das categorias simples nasce o grupo, do movimento dialético dos grupos nasce a série e do movimento dialético das séries nasce todo o sistema."

"Aplique-se este método à economia política e ter-se-á a lógica e a metafísica da economia política". As "categorias parecem engendrar-se umas às outras graças ao exclusivo trabalho do movimento dialético".

"Para Hegel, portanto, tudo o que ocorreu e que ainda ocorre é precisamente o que ocorre em seu próprio raciocínio. Assim, a filosofia da história não é mais que a história da filosofia, da sua própria filosofia." Acredita-se então "construir o mundo pelo movimento do pensamento, enquanto somente reconstrói, de forma

sistemática e ordenando segundo o método absoluto, as idéias que estão na cabeça de todo mundo".

As categorias, porém, não são "eternas", "são produtos históricos e transitórios".

Quais foram as modificações que "o Sr. Proudhon impõe a dialética de Hegel ao aplicá-la à economia política".

Para ele "toda categoria econômica tem dois lados - um bom, outro mau.

O lado bom e o mau, constituem, para ele "a contradição em cada categoria econômica".

"Problema a resolver: conservar o lado bom, eliminando o mau."

"Admitamos, com o Sr. Proudhon, que a história real, a história segundo a ordem temporal, é a sucessão histórica na qual as idéias, as categorias, os princípios se manifestaram."

"Cada princípio teve o seu século para nele se manifestar: o princípio da autoridade, por exemplo, teve o século XI, como o do individualismo teve o XVIII. De consequência em consequência, era o século que pertencia ao princípio, e não o princípio ao século." "Era o princípio que fazia a história, e não a história o princípio." Mas para saber por que este ou aquele princípio se manifestou na história é preciso perguntar sobre as relações diversas dos e entre os homens desta ou daquela época. Os homens são os autores e os atores de seu próprio drama". Aqui então, são abandonados "os princípios eternos" e chegamos ao "verdadeiro ponto de partida" da história.

"À medida que a burguesia se desenvolve, desenvolve-se no seu interior um novo proletariado, um proletariado moderno" que "manifesta-se previamente apenas por conflitos parciais e momentâneos, por episódios subversivos". "Os membros da burguesia moderna... têm interesses opostos, antagônicos, enquanto se defrontam entre si". "As relações de produção nas quais a burguesia se move... tem um cráter dúplice;... nas mesmas relações em que se produz a riqueza, também se produz a miséria."

"Enquanto procuram [os economistas] a ciência e apenas formulam sistemas, enquanto se situam nos inícios da luta, eles vêem na miséria somente a miséria, sem observarem nela o lado revolucionário, subversivo, que derrubará a velha

sociedade. A partir desta observação, a ciência produzida pelo movimento histórico, e que se vincula a ele com pleno conhecimento de causa, deixa de ser doutrinária e se torna revolucionária." (g.m.)

Sobre a contradição dialética entre a concorrência e o monopólio

O problema da contradição entre o monopólio e a concorrência. "Todos sabemos que a concorrência foi engendrada pelo monopólio feudal. Assim, primitivamente, a concorrência foi o contrário do monopólio, e não o monopólio o contrário da concorrência. Portanto, o monopólio moderno não é uma simples antítese; é, inversamente, a verdadeira síntese.

"Tese: O monopólio feudal, anterior a concorrência. Antítese: A concorrência. Síntese: O monopólio moderno, que é a negação do monopólio feudal enquanto supõe o regime da concorrência, e que é a negação da concorrência enquanto é monopólio."

"O monopólio é uma boa coisa, raciocina o Sr. Proudhon, porque é uma categoria econômica, uma emanção 'da razão impessoal da humanidade'. A concorrência também é uma boa coisa, já que, também ela, é uma categoria econômica. O que não é bom, contudo, é a realidade" delas.

"Na vida prática, encontra-se não apenas a concorrência, o monopólio e o seu antagonismo, mas também a sua síntese, que não é uma fórmula, e sim um movimento. O monopólio produz a concorrência, a concorrência produz o monopólio. Os monopolistas concorrem entre si, os concorrentes tornam-se monopolistas. Se os monopolistas restringe a concorrência entre si através de associações parciais, a concorrência entre monopolistas de nações diferentes se torna desenfreada. A síntese é tal que o monopólio só pode se manter passando continuamente pela luta da concorrência."

Sobre as greves e as coalizações dos operários

"Entretanto, o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de uma classe contra outra, luta que, levada à sua expressão mais alta, é uma revolução total. Ademais, é de provocar espanto que uma sociedade, fundada na oposição de classes, conduza à contradição brutal, a um choque corpo-a-corpo como derradeira solução?"

"Não se diga que o movimento social exclui o movimento político. Não há, jamais, movimento político que não seja, ao mesmo tempo, social."

"Somente numa ordem de coisas em que não existam mais classes e antagonismos entre classes as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas. Até lá, às vésperas de cada reorganização geral da sociedade, a última palavra da ciência social será sempre:

"O combate ou a morte: a luta sanguinária ou o nada. É assim que a questão está irresistivelmente posta" (George Sand)

Comentários

Hegel

1. Principais categorias teóricas utilizadas: dinâmica, processo, movimento, devir, contradição, negação, superação, unidade.
2. A unidade entre o ser e o nada não é uma unidade estática, mas um movimento, um vir-a-ser.
3. Na dialética os contrários permanecem unidos num "movimento racional superior".
4. A lógica tradicional não-dialética pretende que a contradição seja menos importante que a unidade estática.
5. Ao contrário, para Hegel, a contradição é a idéia mais essencial, pois é ela que permite todo o movimento.
6. A contradição está presente em todas as manifestações da vida e não se trata de uma "anomalia", mas de uma verdade profunda.
7. A possibilidade que algo seja vivo reside na sua contradição.

8. A superação implica a criação de algo que inteiramente novo, qualitativa diferente.

9. A superação só é possível na unidade de uma coisa com o seu contrário.

D'Hondt

1. A época de Hegel é uma época de intensas transformações sócio-políticas, época das conquistas napoleônicas. Hegel coloca-se, mesmo na Alemanha, favoravelmente às idéias de Napoleão.

2. O pensamento se defronta então com estas novidades históricas. Inquietação e espanto diante do novo que surge historicamente.

3. Nada permanece imutável, as coisas na vida e no mundo estão sempre em movimento.

4. A lógica tradicional desconhece o devir de todas as coisas. A vida é devir e se dá no devir.

5. A lógica tradicional é insuficiente para dar conta das contradições que é a matéria vida da realidade.

6. A lógica dialética é o esforço para colar o pensamento à realidade viva. Ela se dá na negação da lógica tradicional, das determinações do entendimento que fixam às coisas numa estabilidade imóvel.

7. A dialética torna-se uma lei normativa do espírito, torna-se um método.

8. Método que implica uma inquietude permanente, "um tormento do espírito". Reino, diria-se, da "dúvida". O dialético procura então os movimentos, o devir, as contradições.

9. A dialética nega, portanto, o princípio de identidade, para o qual simplesmente A é igual a A e no qual os conceitos são "fixos", sem movimento, sem contradição.

10. O princípio da identidade que fixa o objeto e o conceito num finito simples, determinável, e imutável, implicaria numa negação do devir, da novidade, do movimento. Há um processo necessário entre o fruto verde e o fruto maduro.

11. Uma coisa sempre é também "o outro de si própria", sem isto não há vida possível. As transformações se processam não apenas quantitativamente, mas qualitativamente.

12. Um dos procedimentos metodológicos fundamentais do método dialético consiste em conscientemente procurar as contradições em todo fenômeno ou processo.
13. A contradição é a raiz de todo o movimento.
14. É preciso cuidar, para não se prender, em um dos contrários, mas proceder a sua unificação, para que possa ocorrer a superação.
15. "É mais correto dizer que a dialética é uma lógica da unidade dos contrários".
16. A contradição é a "gênese criadora".
17. Hegel pretende "explicar", "interpretar" os fenômenos em seu estado terminal. Logo uma atividade essencialmente retroativa. Para Marx, é preciso ir adiante, proceder dialeticamente para a frente (11a.tese sobre Feuerbach)
18. Em resumo a dialética poderia ser assim dita: tese, antítese, síntese, ou, afirmação, negação, negação da negação.

Marcuse

1. Hegel pretende superar a separação tradicional entre pensamento e realidade, pois que esta implicava numa submissão do pensamento ao senso comum.
2. Esta é a tarefa da lógica dialética. Logo, uma tarefa negativa, em primeiro lugar. Que consiste em negar o senso comum e suas realidades imutáveis e o mundo "falso" designado pelo mesmo senso comum.
3. Cada coisa é negativa. Ela é composta por aquilo que ela não é e "repele como seu oposto".
4. A contradição é a identidade da coisa mesma em sua potencialidade. A está em contradição não com um não-A exterior, mas com um não-A que é inerente ao próprio A.
5. A negatividade implica que cada coisa está "ligada com o seu oposto". Uma coisa só é o que é na medida em que ela "deve vir a ser o que ela não é". A coisa transcende os seus próprios limites colocando-se em "relação universal" com todas as outras coisas do mundo. O indivíduo humano só existe na sua relação com a sociedade.

6. A essência das coisas está no conceito, logo, "só existe no pensamento."
7. O aspecto positivo da dialética está em produzir o universal "pela negação do particular", que é, por sua vez, o processo de criar o conceito.
8. O pensamento pergunta-se, em primeiro lugar, pelo ser. A essência do ser aparece como relações contraditórias, que nega "toda a forma estável e delimitada do ser".
9. "O universal primeiro e indeterminado que Hegel propõe, é o ser. Ele é comum a todas as coisas (pois tudo é ser) e, portanto, é a entidade mais universal do mundo."
10. Sendo predicado de todas as coisas o ser não é uma coisa palpável. Logo, o ser é nada, pois algo que não é uma coisa é sempre nada.
11. Este fato serve para Hegel demonstrar o caráter negativo da realidade. Todas as coisas, portanto, abrigam em si o ser e o nada e são, portanto, auto-contraditórias.
12. A lógica tradicional é negada pela lógica dialética na medida em que aquela recusa-se a encarar "a natureza contraditória e negativa da realidade". A dialética não aceita o mundo tal como ele é, como pretende a lógica tradicional.
13. Para Hegel "a negatividade do ser é" o fundamento de todo o processo, devir, movimento.
14. Por exemplo: qualitativamente, a mesa não é simplesmente uma mesa, mas aquilo através do qual ela está relacionada com o mundo, seu uso, cor, etc. A mesa, qualitativamente, existe em relação ao outro. Ela não é um ser-por-si, mas um ser-por-outro. Na contradição com este outro é que ela se afirma em si mesma. Para Hegel, então, todos os entes são construídos nesta mesma base de relação. "Uma coisa é em si apenas o que é nas suas relações com outras, e, inversamente, suas relações com outras determinam sua própria existência".
15. Uma coisa só pode ser na medida em que seu próprio ser integra o outro. Trata-se da negação da negação. "A primeira negação é o outro em que ele se transforma, e a segunda é a incorporação deste outro a si mesmo".
16. Assim a relação da coisa consigo mesmo é negativa.
17. "A determinação de uma coisa compreende suas potencialidades inerentes "contrapostas às condições externas que ainda não foram incorporadas à coisa mesma"."

18. Por exemplo: o homem é razão, mas concretamente ele não existe como ser racional. Assim, enquanto não se torna ser racional ele existe como um ser-por-outro e não como ser-por-si. Seu modo de ser está em contradição com sua determinação racional. Esta contradição o faz lutar para ser o que ele é, ou, o que ainda não existe.

19. Neste sentido, o "processo da existência é simplesmente a contradição entre modos-de-ser e potencialidades".

20. Trata-se então de ultrapassar os limites, o que é imanente a idéia de "Limite". "Ser é, continuamente, vir-a-ser".

21. O conceito de finitude surge aí. É preciso ultrapassar a finitude. O que é finito é, logo não é um vir-a-ser. A coisa, como vimos, relaciona-se consigo mesma contraditoriamente, negativamente, e, portanto, é impelida "para fora de si".

22. O perecer é a forma através da qual uma coisa realiza suas potencialidades. O processo de superação da finitude, implica que o que surge de novo, como o perecimento do velho, também terá seu limite e sua finitude. Cada coisa se encontra consigo mesmo na medida mesma de sua superação. E este processo se dá infinitamente.

23. O novo não é uma simples correção do velho, mas é a sua negação.

24. A unidade que uma coisa em-si se dá numa negação em relação a uma outra coisa determinada. Hegel chama isto de "contradição universal". A unidade como tal se dá "pela negação de toda determinabilidade existente".

25. A essência das coisas se dá neste processo negativo. A essência é "a negação de todo ser".

26. "A diferença e os opostos são, para Hegel, parte da identidade essencial das coisas".

27. Toda a realidade para Hegel é contraditória. E é a contradição o princípio de todo o movimento, tanto externo como interno das coisas. A realidade é uma "totalidade negativa".

28. A negatividade, a contradição não são perversões das coisas, ou do mundo sócio-histórico, mas fazem parte inerente dos mesmos. Assim se constrói a crítica materialista à sociedade capitalista. As potencialidades, portanto, dos homens e das coisas, só poderão aparecer na superação da ordem capitalística, "da qual, de início, resultaram". A contradição é motor efetivo do processo de superação da atual sociedade, na medida em que a igualdade e a justiça produzem desigualdade e injustiça.

29. "O real revela-se contraditório, revela-se dilacerado entre o ser e o dever. O real contém, como sua verdadeira natureza a negação do que ele imediatamente é, e assim, "contém... a Possibilidade"."

30. A negação da realidade surge, portanto, no interior dos elementos contraditórios que existem nesta mesma realidade. No capitalismo, divisão do trabalho, alienação, miséria, injustiça, desigualdade, etc.

Reich

1. A contradição dialética existe em si mesma nas coisas como tal, "independente" de todo o pensamento.

2. O desenvolvimento social (e todos os outros fenômenos) é resultado das contradições internas e dos conflitos destas contradições. Tais conflitos só podem ser resolvidos numa nova forma social ou fenomenal. Nesta nova forma, no entanto, surgem novas contradições.

3. O movimento dialético não é bom nem mau. Ele é simplesmente necessário. Está aí. Mas, as coisas que favoreceram o desenvolvimento inicial pode, também, interrompê-lo. As forças produtivas, no capitalismo, por exemplo. No socialismo elas poderão, porém, desenvolverem-se ainda mais.

4. No movimento dialético nada é durável, eterno. A dialética só pode ser aceita por uma classe que pretender negar a sua própria realidade.

5. O desenvolvimento é resultado da negação da negação. A produção de mercadorias negava a produção de valores de uso. O socialismo nega a primeira negação, para conduzir à produção dos valores de uso, numa forma superior, no comunismo.

6. As contradições engendram-se mutuamente. Uma coisa pode transformar-se numa outra, e a outra na primeira. Não estão separadas fixa ou nitidamente.

7. O desenvolvimento dialético pode produzir-se por saltos, revolucionários, não portanto apenas por evoluções lentas. Os processos podem se combinar. Uma evolução lenta da formação do capitalismo (formação do proletariado, divisão do trabalho, etc.), mas a um ponto, pode haver o salto, o salto é a revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'HONDT, Jacques. Hegel. Ed. Edições 70. Lisboa, Portugal. 1965 (?)

MARCUSE, Herbert. Razão e Revolução. Ed. Paz e Terra, 1984.

MARX, Karl. A Miséria da Filosofia. Ed. Global, 1985.

REICH, Wilhelm. Materialismo Dialéctico e Psicanálise. Ed. Editorial Presença, Portugal - Livraria Martins Fontes, Brasil. 4a. ed., 1983.